

Michael e a continuidade da existência: experimento em um grupo reflexivo¹

Michael and the continuity of existence: experiment in a reflexive group

Asher Grochowalski Brum Pereira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

RESUMO

O objetivo deste artigo é identificar e descrever os volumentos acionados por Michael, um homem autor de violência contra a mulher, em um grupo reflexivo de Campo Grande (MS). O conceito de “volumento” é desenvolvido por Albert Piette (2019) para observar os elementos componentes de um ser humano, o “volume humano”, tais como estilos, corporalidades, linguagens, gestos e subjetividades, entre outros. Desse modo, argumento que o “volume humano” que observaremos, Michael, aciona volumentos no decorrer das sessões do grupo reflexivo para manter estável a continuidade de sua existência e fazer frente às imposições judiciais que o obrigaram a estar ali. Escolhi analisar uma única pessoa para descer ao nível menor, molecular, da esfera vivencial da violência. Desse modo, os números que colocam o estado de Mato Grosso do Sul entre aqueles com maiores índices de violência doméstica ganham vida e concretude. Meu método privilegiado é a volumografia, o método que permite observar uma única pessoa em seus mínimos detalhes. Como forma de evocar minha experiência com Michael, procuro conjugar a escrita com o desenho. Como não é permitido fazer anotações durante as reuniões do grupo, escrevi e desenhei depois para expressar minhas lembranças e evocar situações.

Palavras-chave: Grupo reflexivo, Volume humano, Volumentos, Violência contra a mulher, Continuidade.

¹ Este trabalho foi realizado com o apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Recebido em 07 de julho de 2022.
Avaliador A: 04 de setembro de 2022.
Avaliador B: 16 de setembro de 2022.
Aceito em 12 de dezembro de 2022.



ABSTRACT

This article aims to identify and analyze “voluments” triggered by Michael, a man accused of violence against women, in a reflexive group in Campo Grande (MS). The concept of “volument” was developed by Albert Piette (2019) to observe elements of a human being, or “human volume”, such as styles, corporeality, language, gestures, and subjectivities, among others. In this way, my argument is that the “human volume” we will observe triggers voluments in the reflexive group to stabilize the continuity of his being’s existence and face judicial impositions forcing him to be there. As to the method of the research, I chose to analyze a single person to descend to the smallest, molecular, level of the experiential sphere of violence. In this way, the numbers that place Mato Grosso do Sul among the states with the highest rates of domestic violence come to life. My method is volumography, the method that allows us to observe a single person in its details. As a way of evoking my experience with Michael, I combine writing with drawing. Since no one is allowed to take notes during group meetings, I wrote and drew later as a way to evoke memories and situations.

Keyword: Reflexive group, Human volume, Voluments, Violence against women, Continuity.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é identificar e descrever os “volumentos” – as partes componentes de um ser humano, o “volume humano” (PIETTE, 2019) – acionados nas situações vivenciadas em um grupo reflexivo na cidade de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, por um homem acusado de agressão contra sua ex-companheira e seu ex-cunhado. Meu argumento é que o “volume humano” que observaremos aciona volumentos no decorrer das sessões do grupo reflexivo para manter estável a continuidade da existência do seu ser e fazer frente às imposições judiciais que o obrigaram a estar ali. Seguindo Piette (2019), entendo as sessões do grupo reflexivo como situações na vida de nosso personagem, situações em meio a tantas outras de sua vida cotidiana. Como recurso metodológico, dividi algumas dessas situações em momentos para tornar a exposição e a análise claras. Seguindo João Biehl (2020) e Theophilos Rifiotis (2015), que destacam a importância de refletir sobre o aspecto cotidiano e vivencial da violência, dedico-me a esse aspecto ao olhar para um personagem específico e observá-lo em profundidade: Michael, um homem condenado por lesão corporal contra o ex-cunhado e contra quem foi aplicada uma medida protetiva por agressão à ex-companheira. Michael foi enquadrado

na Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006) e era obrigado, portanto, a frequentar o grupo reflexivo para homens autores de violência em Campo Grande. Meu método para observar Michael será aquele proposto por Piette (2019): a volumografia, método antropológico que permite observar um ser humano em profundidade.

Por que estudar um personagem de um grupo reflexivo em Campo Grande? Uma vez que meu intuito é olhar para o nível molecular da dimensão vivencial da violência, o volume humano, elegi um homem acusado de violência doméstica para compor este trabalho. Observar esse volume humano em um contexto de problematização da violência, o grupo reflexivo, permite-nos refletir sobre o modo como o ato violento que o conduziu ao grupo o leva a compor narrativas e justificações, além de relacionar-se com outros volumentes. Escolhemos um homem acusado de agressão porque a violência doméstica é a principal forma de violência no estado de Mato Grosso do Sul (conforme demonstram os números apresentados por ERROBIDARTE, 2021; FÓRUM, 2021; REZENDE, 2021; SANCHEZ, 2020). Com efeito, observar um autor desse tipo de violência permite-nos ir além da esfera estatística e observar o menor nível da dimensão vivencial da violência. Olhar para um desses grupos e para um autor desse tipo de crime nos ajuda a ver a violência e sua judicialização de forma concreta e viva. Desse modo, procuro situar este trabalho entre as produções que resgatam a esfera vivencial e cotidiana da violência (BIEHL, 2020; RIFIOTIS, 2014, 2015, 2021), buscando ao mesmo tempo dialogar com trabalhos que descrevem etnograficamente a dinâmica de grupos reflexivos de gênero (BORNEMAN, 2015; LOPES, 2021; OLIVEIRA, 2016; MARTÍNEZ-MORENO, 2018).

Tendo em vista que meu objetivo é estudar uma pessoa específica e a continuidade de sua existência, recorro à proposta teórico-metodológica de Albert Piette (2019). Piette propõe estudar pessoas específicas, as quais ele chama de “volumes humanos”. Com efeito, o autor torna as pessoas o próprio campo da antropologia. Pessoas são formadas por gênero, religião, estilo, moralidade, gestos, expressões faciais, saberes tácitos e formais, linguagem etc. Esses pedaços das pessoas, que são diferentes em cada volume humano e fazem cada um deles único, são chamados por Piette (2019) de “volumentos”. São os volumentos que permitem que as pessoas sejam singulares, demonstrem continuidade na sua existência e formem uma unidade humana, portanto o volume humano é uma unidade singular de volumentos. O método de Piette (2019) para estudar os volumentos é a volumografia, o registro, a descrição e a análise dos volumes humanos, que devem ser observados ao longo das situações pelas quais passam em suas vidas cotidianas.

Observo Michael como um volume humano composto, claro, por volumentos. Mas Michael não é uma realidade puramente objetiva capaz de ser capturada pelos sentidos do pesquisador. Tudo o que descrevi sobre Michael provém de minhas lembranças fragmentadas, cheias de lacunas preenchidas com coisas que não tenho certeza se realmente aconteceram do

modo como descrevi. É por isso que há também muita imaginação na forma como construí Michael. Concordo com Wolfgang Iser (2013), que propõe que os limites entre o real e a ficção não são tão estanques assim, uma vez que o que chamamos de ficcional surge apenas para se opor ao que entendemos como real. O resultado que apresento, portanto, não é um retrato fiel ou uma representação de Michael. Trata-se do modo como percebi-o e das marcas que ele deixou em mim. Com efeito, recorri ao desenho de forma conjugada com o registro escrito para evocar minhas lembranças, afetos e percepções sobre Michael.

Para seguir a metodologia de Piette (2019), observaremos esse personagem como uma unidade separada das demais, embora minha análise tenha um grupo reflexivo como situação principal. Com efeito, as outras pessoas envolvidas na situação e as relações sociais emergentes dali serão relegadas a um segundo plano, uma vez que nosso foco principal é Michael. Analisaremos 1) os volumentes que emergem na situação do grupo reflexivo e 2) o esforço de Michael para perseverar na continuidade do seu volume humano, uma vez confrontado pelas práticas pedagógicas do grupo reflexivo, as quais o levam a refletir sobre diversos elementos constituidores de sua existência, tais como masculinidade, ser homem etc.

Piette (2019) sugere que o desenho pode servir para destacar volumentes específicos de um volume humano, talvez de forma mais eficaz que a fotografia ou a filmagem. Esse é o intuito metodológico que me fez recorrer ao desenho neste trabalho: apresentar os volumentes de Michael que chamaram minha atenção, como os percebi e como me afetaram. Meu objetivo, ao usar o desenho, não é fazer uma representação tão fiel quanto possível da realidade. Pelo contrário, concordo com Michael Taussig (2011) quando ele diz que o desenho feito no caderno de campo confronta a tentativa de representar a realidade que a descrição escrita pode buscar. Para o autor, o desenho retira o peso de tentar representar a realidade dos ombros do antropólogo. O desenho surge para evocar sentimentos, percepções e imaginações (entre outras coisas) no antropólogo, não para suprir eventuais lacunas que a descrição escrita pode deixar. Para Taussig (2011), o desenho contrapõe-se ao desejo de completude, pois são incompletos, apontam para um mundo que se descola do real, um mundo invisível, por vezes imaginado. Uso o desenho para registrar os volumentes de Michael, como os percebi e imaginei quando evoquei memórias fragmentadas das sessões do grupo reflexivo de que participei.

Ao desenhar Michael, não queria atingir traços anatômicos nem perspectivas perfeitas. Pelo contrário, queria que meus desenhos mantivessem seus traços discrepantes, exageros, erros de perspectiva, suas anatomias desproporcionais, pois o objetivo não era representar a realidade. Comecei e terminei o desenho usando apenas a caneta. Em todos os desenhos, usei a técnica da hachura cruzada para preencher os contornos. Usei essa técnica de modo intuitivo, por isso não atingi a precisão de um traço profissional. Fiz os desenhos em um caderno sem pautas de 12 x 17 cm. Usei uma caneta de 0,7 mm de tinta azul. Não esbocei os primeiros traços

de cada desenho – tinha apenas uma imagem vaga do que queria desenhar. Também queria que, uma vez começados, os traços não pudessem ser apagados. Segui Taussig (2011) e encarei o desenho como desprovido do peso de representar a realidade.

Convivi com Michael no grupo reflexivo na primeira metade de 2021. Meus desenhos foram feitos nesse período, mas não imediatamente após cada reunião do grupo, diferentemente do que fiz com os registros escritos, os quais fazia logo após cada reunião. Fiz os desenhos ao longo do ano, conforme revisitava minhas anotações.

A DIMENSÃO VIVENCIAL E COTIDIANA DA VIOLÊNCIA

Como meu objetivo é identificar e descrever os volumentos acionados nas situações vivenciadas em um grupo reflexivo por um homem acusado de agressão contra sua ex-companheira e seu ex-cunhado, considero fundamental voltarmos para a dimensão vivencial e cotidiana da violência e de sua judicialização. Refiro-me ao nível molecular dessa dimensão (ou seja, ao nível menor), o volume humano. João Biehl (2020) dedicou-se às pessoas e a seus devires em cotidianos violentos. Segundo o autor, seu trabalho é dedicado à

[...] dimensão inacabada das pessoas no contexto de um Brasil quebra-cabeça, marcando futuros num cotidiano violento e incerto e tornando-se algo distinto por meio de relações, coisas, reivindicações, cuidado e imaginação. (BIEHL, 2020, p. 3).

Para o autor, importa a plasticidade e a incompletude das pessoas, elementos que emergem ao enfrentarem poderes estruturais e materiais que também são plásticos. Essa plasticidade e essa incompletude só podem existir se houver devir. Biehl (2020) apresenta diversos casos concretos e etnográficos de pessoas que usam a imaginação e a criatividade para tentar transformar realidades cotidianas violentas.

Assim como Biehl (2020), quero olhar para a violência que desce ao nível molecular, contudo pretendo olhar para os devires que se associam a continuidades. Olhar para a continuidade não significa olhar para elementos estanques e rígidos, mas para aquelas partes do volume humano que as pessoas querem que permaneçam, aquilo que agarram com força para não deixar ir embora porque consideram uma parte importante de sua existência. Agarram-se a elas sobretudo quando contemplam aos poucos seu esfarelamento. Seguindo a proposta da antropologia do devir de João Biehl e Peter Locke (2017), Lucas Bessire (2017) fala em “devir negativo” ou “afirmação negativa” ao comentar os Ayoreo. Segundo sua narrativa, os Ayoreo negaram crer no Cojñone-Gari, um espaço pós-vida, quando foi misturado a diversos elementos

do cristianismo para tentar convertê-los. Negar os próprios elementos mitológicos foi uma tentativa de manter a própria tradição “em face de uma subjetivação violenta. A continuidade implicou em ruptura e vice-versa” (BESSIRE, 2017, p. 203, tradução nossa).

Podemos olhar para a continuidade de Michael como um devir negativo, ou seja, uma série de atitudes criativas para tentar manter sua forma de existência. Essas atitudes surgem diante de imposições judiciais que ele considera aviltantes à sua forma de existência por se considerar injustiçado pela Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006). Por exemplo, quando Michael percebe o que tem que falar para estar de acordo com o comportamento social esperado ou quando constrói sua narrativa sobre seu episódio de violência, está agindo criativamente e imaginando linhas de fuga para continuar existindo da forma que considera melhor. Michael reinventa a própria ideia de violência ao narrar seu caso e falar sobre a violência no grupo reflexivo.

Theophilos Rifiotis (2021, p. 103) propõe uma volta ao que chama de aspecto vivencial da “violência” (entre aspas, conforme prefere o autor) ao discutir o conceito de violência, tal como construído nos fluxos da vida cotidiana. Para o autor, devemos olhar para as construções da categoria “violência” de forma concreta, para o modo como ela surge entre diferentes atores e instituições. Isso nos leva a observar a “violência” de forma analítica e ir além do sentimento de indignação ao qual somos conduzidos pelas nossas próprias noções de “violência”. Desse modo, para Rifiotis (2014), ao suspendermos conceitos como “violência” e “justiça”, somos capazes de ir além da homogeneização produzida por determinados conceitos e categorias, ao mesmo tempo alcançando a pluralidade de perspectivas que existe entre pessoas e instituições. Essas perspectivas plurais são objeto de constantes disputas nas quais quem ocupa posições privilegiadas em espaços de poder leva vantagem. É por isso que Rifiotis (2015) enfatiza a importância das pesquisas em justiça com sujeitos, os quais interpretam e recriam normatividades institucionais o tempo todo.

Nas reuniões do grupo reflexivo, Michael e os outros participantes expressam concepções diversas de violência. Isso não se dá apenas pela verbalização, mas também por atitudes corporais, formas de se apresentar etc. Essas concepções são confrontadas pelos facilitadores do grupo, que detêm a noção institucional e socialmente aceita de violência. Como o próprio título sugere, o grupo era destinado a “homens autores de violência doméstica contra a mulher”. Para Michael, questionar a versão oficial da categoria “violência” significava defender a continuidade de sua existência, sua forma de existir. Aserções como “eu não sou violento, só fui violento naquela ocasião” se misturam ao punho fechado na narração da história de uma patroa abusiva. Por outro lado, olhar para a concepção de “violência” de Michael (ou para as diversas concepções, mal-formuladas, incompletas, contraditórias) nos ajuda a refletir sobre o modo como essa miríade de noções ganha expressão em seu volume humano.

O GRUPO REFLEXIVO DE CAMPO GRANDE

Segundo o que os facilitadores me explicaram na primeira vez que fui a uma reunião, o grupo reflexivo de Campo Grande tem o objetivo de reeducar homens autores de violência doméstica contra a mulher condenados pela justiça ou alvo de medidas protetivas previstas na Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006). Os homens participantes do grupo respondem a processos judiciais e sofreram medidas protetivas ou foram condenados, de modo que foram conduzidos ao grupo por meio de determinações judiciais. Os grupos são compostos por 15 homens e possuem dois facilitadores, uma mulher e um homem. O grupo que pesquisei tem quase 5 anos de existência e, de 2017 a 2019, atendeu 337 homens autores de violência contra a mulher (SALLES; COORDENADORIA, 2020, p. 4). Quando comecei a acompanhar esse grupo, em 2021, o número de participantes foi reduzido para 6 por conta da pandemia.

O grupo reflexivo que acompanhei tem objetivos pedagógicos. O intuito das reuniões é a reeducação dos homens acusados de violência doméstica contra a mulher. Em cada uma das reuniões, os facilitadores levam temas para o debate, tais como machismo, cultura do estupro, transexualidade, casamento etc. Os participantes têm total liberdade para participar ou não das discussões. Lembro que alguns ficavam calados, frequentavam as reuniões apenas para cumprir a decisão judicial e atingir os 16 encontros, o número mínimo obrigatório de participações. Outros participavam ativamente e se envolviam no debate. Outros ainda aproveitavam o espaço para justificar-se pelos atos que levaram ao seu encaminhamento ao grupo. Havia ainda aqueles que assumiam uma atitude agressiva por considerarem que estavam ali injustamente.

Comecei a pesquisa que deu origem a este trabalho em 2021 e ela ainda está acontecendo. Antes de eu começar a participar do grupo, os facilitadores explicaram aos participantes que eu começaria a frequentá-lo na condição de observador para fazer uma pesquisa, ao que todos os participantes consentiram. As pessoas que se enquadram na categoria de observador são pesquisadores ou pessoas que estão acompanhando o grupo para se tornarem novas facilitadoras em outros grupos. Os observadores não podem interagir com os participantes e vice-versa. Também não podem tomar notas durante os encontros. Às vezes algum participante perguntava-me alguma coisa ou me provocava a participar do debate, mas os facilitadores sempre intervinham para lembrar aos participantes que minha condição era a de observador. Acompanhei aquele grupo por alguns meses. Depois a pandemia intensificou-se e o grupo teve que ser suspenso novamente. Dois meses depois, o grupo foi reativado e acompanhei as reuniões até o final daquele ano. Atualmente, continuo pesquisando os grupos reflexivos.

A seguir, passo ao experimento de volumografia com Michael.

EXPERIMENTO DE VOLUMOGRAFIA: MICHAEL

Momento 1

Figura 1. Michael entra na sala



Fonte: Brum (2021).

Quando Michael entrou na sala, tomei um susto e fiquei extremamente apreensivo. Naturalmente, eu achava que todos os participantes do grupo reflexivo tinham personalidades violentas, já que estavam ali pelo fato de terem se envolvido em agressões contra mulheres. Tentei tirar os estereótipos da cabeça. Quando Michael passou pela porta de entrada, contudo, uma enxurrada de estereótipos voltou à minha mente. Michael era um homem grande, robusto, com braços e pernas fortes e peito largo. Era branco. Deveria ter mais ou menos 1,90m de altura e aproximadamente 40 anos. Tinha os olhos claros e penetrantes. A cabeça era raspada. Uma máscara de tecido preto cobria-lhe a boca e o nariz. Seu cenho parecia estar sempre franzido, o que dava um aspecto agressivo a seu semblante. Mas o que mais me chamou a atenção foi uma

cicatriz grande e profunda que cortava o lado direito de seu rosto, de cima a baixo. Começava no meio da testa, cruzava o olho e a sobrancelha e terminava em algum lugar por debaixo da máscara. Apesar do frio, usava camiseta, calças largas de construção e botas pretas de operário. Outro traço em Michael marcante para mim foi sua fala. Sua voz e seu sotaque eram idênticos aos de Marcola, o chefe do PCC. A voz era firme e calma. A velocidade era média, nem muito rápida, nem muito lenta. O tom era alto e médio-grave. Foram esses traços que me afetaram no primeiro encontro e que procurei evocar com meu desenho.

Apesar da minha apreensão, vi que Kate e Bobby, os facilitadores do grupo reflexivo, o tratavam com naturalidade, assim como tratavam a todos os outros participantes. Michael cumprimentou-me e perguntou se tinha alguma tomada por ali. Respondi que tinha uma perto de uma das cadeiras do círculo em que ocorriam as reuniões. Ele agradeceu e caminhou até lá. Achei que fosse carregar o celular. Eu já havia me recuperado da apreensão do primeiro encontro quando o vi ligar um carregador na tomada e depois conectá-lo à tornozeleira eletrônica presa ao seu tornozelo esquerdo. Eu tentava não exotizar aquela cena, mas não conseguia parar de olhar. Senti-me um idiota, pois ninguém parecia dar a mínima para o fato de Michael usar tornozeleira eletrônica. Wilbur, outro participante do grupo, aproximou-se e disse:

“Me empresta depois o carregador porque eu esqueci o meu.”

“Tá. Deixa só eu dar uma carga, que eu tô com 5%... Ainda bem que daqui há um mês tiro isso aqui. Já estava até esquecendo de quem eu sou. As pessoas me olham diferente, sabe...” disse Michael com desânimo.

“Sei. Mas eu não tô nem aí com o que as pessoas pensam”. Wilbur deu de ombros.

Quando o grupo começou, vi que Michael era extremamente introspectivo. Geralmente, só falava quando algo lhe era perguntado e se dirigia de forma muito respeitosa aos dois facilitadores do grupo. Ria pouco. Ficava a maior parte do tempo inclinado para a frente, com os antebraços apoiados nos joelhos e as mãos caídas entre as pernas. Olhava muito para o chão. Conforme contou em sua apresentação, era operário da construção civil, o que, segundo ele, gostava muito de fazer. “Eu gosto de fazer força”, dizia.

Momento 2

Os facilitadores do grupo espalharam diversas imagens pelo chão, no centro do círculo de cadeiras, e cada um dos participantes foi convidado a escolher uma figura. Michael foi o último a escolher. Andou lentamente pela sala olhando para o chão por vários minutos. Escolheu uma, depois soltou. Escolheu uma segunda e já estava voltando para o seu lugar quando parou. Soltou a folha no chão e acorrou-se para pegar outra, determinado.

“Vou ficar com esta aqui”, disse baixinho, como se falasse consigo mesmo. Sentou-se, encarando a figura.

Os facilitadores fizeram uma rodada de fala para que cada um mostrasse a figura que escolheu. Wilbur escolheu a imagem de um avô com o neto, Josh mostrou a imagem de um pai caminhando com o filho pequeno no parque, Jason mostrou uma figura de uma criança segurando um balão, e Todd escolheu a figura de uma família feliz durante o jantar. Michael foi o último a mostrar a imagem que escolhera. Após ver as imagens escolhidas pelos colegas, ergueu timidamente a sua. A figura mostrava a imagem de uma criança acuada em um canto e, em primeiro plano, uma mão masculina adulta segurando um cinto de couro.

Figura 2. Michael mostra sua figura



Fonte: Brum (2021).

“Agora, vamos começar por este lado”, disse Bob. “Michael, por que você escolheu essa imagem?”

“Ah, eu escolhi essa imagem porque me tocou”. Michael falava baixo e para dentro.

“Te tocou?”

“Sim. Fez eu me sentir mal. Isso é errado. Não pode bater de cinto em uma criança”.

“Você já bateu nos seus filhos quando eram crianças?”

“Ah, já dei uns tapinhas. Ameacei com o chinelo. Dei umas chineladas. Mas nada demais. Agora, isso aqui, com o cinto, não pode. Isso é errado!”

“Mas por que com o chinelo pode e com o cinto não pode?”

“Porque com o cinto machuca mesmo. Machuca pra valer. Pode até traumatizar uma criança. Com o chinelo é só pra educar mesmo. Pra ameaçar. Não precisa nem bater”.

“Mas você não acha que, do ponto de vista de uma criança, o chinelo ou ‘uns tapinhas’ – como você disse – podem ser tão traumáticos quanto apanhar de cinto?”

“Ah, acho que não. Mostrar o chinelo é só pra assustar mesmo... agora, isso aqui não pode. Cinto não pode”. Michael ficava cada vez mais acuado e repetitivo por terem se esgotado seus argumentos.

“O seu pai te ameaçava com o chinelo?”

Michael sorriu por detrás da máscara e ergueu a cabeça.

“Ah, sim. O pai não só ameaçava com o cinto como também batia na gente. Descia o braço mesmo”.

“E você acha que o seu pai estava certo?”

“Eu não criei meus filhos assim. Mas eu cresci e me tornei um homem direito porque o pai batia na gente. Ele educava a gente. Do jeito meio grosso dele, mas educava. Nenhum dos meus irmãos se tornou um drogado ou um desocupado. Ele batia mesmo, mas no final tinha razão”.

“Ele ameaçava a sua mãe?”

“Sim! Lá em casa todo mundo entrava pra cinta. Minha mãe, minha irmã, meus irmãos, eu...”, riu-se Michael.

Wilbur interveio na conversa para socorrer o colega do inquirido de Bob.

“O meu pai também era assim. Batia na gente de soco. Já me deixou todo roxo, me quebrou uma costela uma vez. Gente do sítio é assim. Não tem muita conversa não”.

Então Bob mudou o foco de Michael para Wilbur. Michael continuava cabisbaixo, fitando a foto que segurava nas mãos. Estava visivelmente aliviado por ter deixado de ser o foco das atenções. Permaneceu introspectivo até o final da sessão e não fez mais nenhuma participação. Ao final, Bob perguntou quem queria levar a foto para casa. Todos os participantes disseram que queriam, com exceção de Michael.

“Não quero guardar isso não... Bater de cinto em uma criança não pode...”, repetiu uma última vez, falando mais consigo mesmo do que com Bob.

Momento 3

“O que vocês pensam sobre o exame de próstata?”, perguntou Kate. O tema da reflexão daquele dia era “masculinidade tóxica”.

Michael foi o primeiro a se pronunciar.

“É como dizem: o problema não é fazer o exame de próstata. O problema é fazer e gostar”. Todos na sala riram, menos os dois facilitadores. Ao ver o olhar de reprovação dos dois, Michael constrangeu-se um pouco. “Mas, falando sério... Eu não precisei fazer ainda. O dia que precisar... Bom, aí a gente vê”. Todos riram novamente.

“Você acha que se tornaria menos homem ou menos masculino por passar por esse procedimento médico?”, perguntou Kate.

Michael ia começar a responder quando Wilbur interveio.

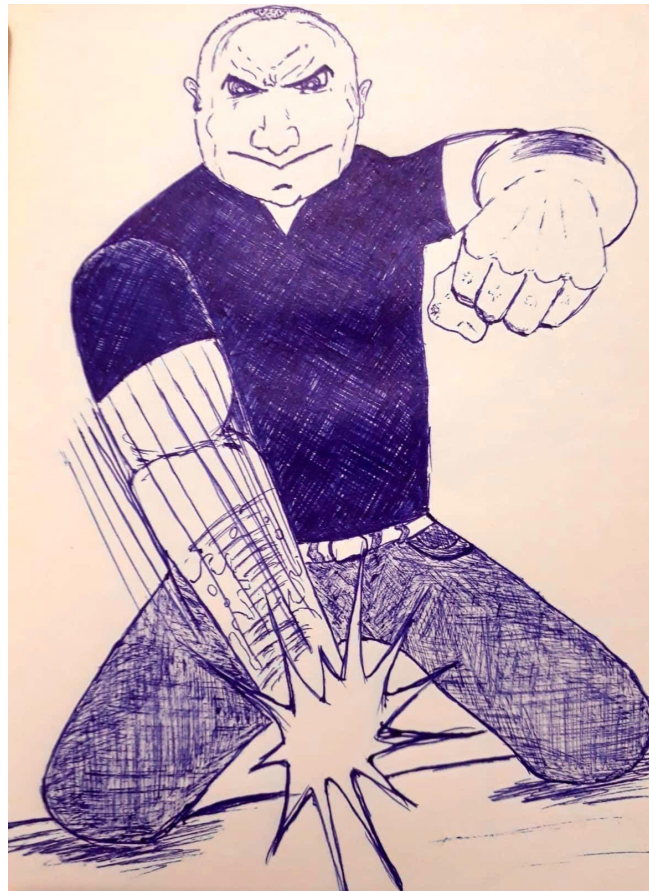
“Eu não faço isso. Não faço!”, cruzou os braços. “Eu tenho mais de 60 anos, já me mandaram fazer, mas não faço não. Quero ver quem me obriga”.

Todos riram, mas Wilbur permanecia sério e impassível. Michael retomou a palavra.

“Você está fazendo essa pergunta para saber se eu me acho o machão, né? Eu não me acho machão. Só tive um episódio, e é por causa dele que eu estou aqui”.

“Qual foi mesmo?”, perguntou Kate.

“Foi com a minha ex-mulher. Um dia, eu estava no serviço e me ligaram lá do bar, dizendo que ela estava lá com a minha cunhada e que já estava meio pra lá de Bagdá. Cheguei lá e encontrei ela bêbada. Aí chamei ela pra ir pra casa, e ela avançou em mim. Aí peguei ela pelos dois braços e coloquei no carro. Eu não tive intenção de agredir ela. Mas ficou a marca roxa no braço. Aí o irmão dela fez a cabeça dela pra ir na delegacia fazer um BO. Quando fiquei sabendo, meu sangue ferveu. Peguei o carro e fui lá na casa deles. Cheguei lá, abri a porta e o irmão dela apareceu. Avancei nele e soquei o nariz dele com vontade. Quando ele caiu no chão, eu não parei. Subi em cima dele e continuei dando soco na cara dele. Aí a minha ex-mulher chegou por trás e tentou me puxar. Eu empurrei ela [*sic*] e continuei batendo. Depois minha filha pequena chegou do lado e começou a chorar. Foi aí que eu parei. Se ela não tivesse chegado naquela hora, eu teria matado ele. Depois a minha sogra chamou a polícia e falou pra eles que eu agredi a minha ex-mulher e a minha filha.”

Figura 3. Michael narra sua história de agressão

Fonte: Brum (2021).

“E você agrediu?”, perguntou Kate.

“Eu não! A minha ex-mulher eu só empurrei. Só encostei nela. E na minha filha eu nem encostei a mão. Eu nunca teria agredido a minha filha! Imagina só, naquela raiva que eu estava, se eu tivesse relado a mão nela, eu teria deixado um monte de marcas. Eu parei de bater no meu cunhado por causa dela. Agora não posso chegar perto da minha filha por causa do que a velha falou pra polícia”.

“Você foi condenado?”, perguntou Bob.

“Fui. Agora tô só com a tornozeleira. Mas de ter batido nele não me arrependo não. Eu não sou de brigar, mas, quando me tiram do sério, aí vou até o fim”. Michael levantou a perna esquerda da calça e mostrou a tornozeleira eletrônica.

Momento 4

Naquela noite, Kate e Bob levaram músicas para problematizar questões relacionadas à violência de gênero. Os cinco participantes do grupo sentaram-se em um círculo com os dois facilitadores. Também me sentei no círculo. Após explicar a atividade, Kate colocou para rodar a primeira música. Era “Esse cara sou eu”, de Roberto Carlos. Quando o rádio começou a tocar, todos riram e fizeram brincadeiras. Kate deixou a música tocar até a frase “E no meio da noite te chama pra dizer que te ama”. Pausou e perguntou:

“Vocês acham esse comportamento saudável? O cara pensa na companheira 24 horas. Liga no meio da noite...”

“Eu acho que não tem nada demais. Ele só está sendo romântico”. Michael foi o primeiro a falar. “Ele gosta tanto dela que pensa nela o tempo todo. Liga no meio da noite pra dizer que ama. Eu acho bonito”.

“Mas, você não acha que essa espécie de obsessão pode levar a outros tipos de comportamento?”, retrucou Kate.

“Depende. Se for só pensar, acho que não. Todo mundo faz isso quando se apaixona”.

“Vamos continuar ouvindo a música então”, disse Kate, em um tom desafiador.

O rádio continuou por mais alguns segundos até Kate parar a música de novo. Disse em voz alta as duas últimas frases.

“‘Um cara que pega você pelo braço / esbarra em quem for que interrompa seus passos’. E agora? Você vai continuar dizendo que é normal, Michael?”

Michael mexeu-se na cadeira, desconfortável. Cruzou os braços e as pernas.

Figura 4. Michael cruza os braços e as pernas



Fonte: Brum (2021).

“Ah”, começou Michael, “eu acho que quando ele fala de pegar pelo braço, não é pra agredir. Eu acho que é tipo dar os braços. Andar de braços dados pela rua. Eu, por exemplo, quando peguei minha ex-mulher pelos braços no bar, foi pra tirar ela de lá e colocar no carro, também não tive a intenção de agredir. Mas, no caso dele, não foi nem isso. Acho que é uma coisa de romantismo mesmo.”

“Tá”, interrompeu Kate. “E essa segunda parte? ‘Esbarra em quem for que interrompa seus passos’? Isso é bem ruim, né?”

“Depende”, continuou Michael. “Às vezes o outro cara estava de olho na mulher dele. Vai saber...”

“E se estivesse, qual seria o problema?”, retrucou Bob.

“Poxa, vocês estão estragando a música!”, disse Wilbur, gargalhando. Todos riram.

“Tá bom. Então vamos ouvir outra”, disse Kate, selecionando outra música na *playlist*. Era “Vidinha de balada”, de Henrique e Juliano. Kate parou a música logo na primeira frase: “Desculpa a visita / eu só vim te falar / ‘tô a fim de você, e se não tiver vai ter que ficar”.

Novamente, Michael foi o primeiro a falar:

“Eu acho meio chato o cara chegar obrigando a mulher a ficar com ele”.

“Como foi a sua separação, Michael?”, perguntou Kate.

“Fui eu quem saí de casa. A gente brigava muito. Aí um dia ela disse que ia sair de casa, que não dava mais. Eu falei ‘Não, deixa que eu saio então. Você fica aqui com as crianças’. Deixei ela lá e saí. Depois de um tempo, ela foi pra casa da mãe dela. Ela estava lá quando deu aquele rolo todo da agressão. A gente começou a brigar por coisa boba. Aí desandou tudo.”

Michael parecia não ter terminado ainda quando Wilbur tomou a palavra e começou a contar uma de suas histórias aleatórias que faziam todos rir, menos ele, que ficava irritado quando riam do jeito que ele contava. Michael não falou mais naquele dia.

Momento 5

A última vez que vi Michael foi em seu último dia no grupo reflexivo. Como os facilitadores estavam ocupados apresentando o grupo a alguns visitantes de cidades vizinhas, pediram para que eu acompanhasse Michael no preenchimento de um questionário em uma sala anexa à sala principal. Acompanhei Michael até a salinha e entreguei a ele uma caneta e uma cópia do questionário de dez páginas. Michael lia lentamente cada uma das questões e assinalava a opção escolhida com cuidado. Apertava a caneta entre seus dedos grossos. Às vezes, me perguntava alguma coisa. Eu (sem muita segurança por não conhecer o questionário) procurava ajudá-lo.

“Você concorda com a Lei Maria da Penha?”, leu Michael para mim. “É para dizer se eu acho que ela é justa?”

“Isso”.

“Eu acho que ela é justa. Mas não acho que foi bem aplicada no meu caso. Estão falando de uma lei que vão fazer chamada Lei João de Olaria. É uma lei para proteger os homens que sofrem agressões das mulheres”.

“Não conheço”, falei com sinceridade.

“Vou marcar ‘concordo parcialmente’”, decidiu Michael.

“Você concorda que uma criança brinque com brinquedos de menina?”, leu novamente Michael. “Eu não acho que exista brinquedos de menino ou de menina. O meu moleque brinca com tudo. Eu vou na loja e ele compra o que ele quiser. Ursinho, bola, boneca... Tanto faz. Se ele quiser, eu compro. Mas vou marcar ‘concordo’, então”.

Michael demorou para preencher o questionário. Achei interessante como ele problematizava e refletia sobre a maioria das questões. Quando terminou, entregou-me o questionário, cumprimentou-me, agradeceu e saiu da sala.

Figura 4. Michael responde ao questionário

Fonte: Brum (2021).

COMENTÁRIOS SOBRE UM VOLUME HUMANO

Para Piette (2019), as situações em que observamos um volume humano são fundamentais para entender momentos de sua existência. Em se tratando de Michael, todos os momentos que descrevi estão localizados em situações específicas, referentes às reuniões do grupo reflexivo. Essas situações são emblemáticas para compreender as formas que Michael utiliza para perseverar na continuidade de sua existência; para isso, produz devires negativos. Isso acontece porque o objetivo das reuniões do grupo é transformar o comportamento dos participantes de modo a torná-los indivíduos socialmente aceitáveis. John Borneman (2015), que estudou um grupo reflexivo para homens molestadores de crianças em Berlim, na Alemanha, compreende as reuniões do grupo (assim como todas as etapas envolvendo o processo de criminalização

e responsabilização) como “rituais seculares”. Esses rituais de reabilitação têm o objetivo de conduzir os participantes a atitudes positivas de autotransformação. Os rituais também são patentes no grupo reflexivo que estudei, desde a denúncia, passando pela medida protetiva e pela prisão, até a participação no grupo e a reabilitação. A reunião em si é um processo ritual com o objetivo de que fala Borneman (2015): a dinâmica de reflexões e falas de experiências, a disposição da sala em círculo, as posições de poder e autoridade chanceladas por diplomas e pelo Poder Judiciário, os temas propostos pelos facilitadores. Em se tratando de Michael, o fato de estar ali por imposição judicial fazia com que ele se fechasse diante daquilo tudo, criando atitudes e falas para agir de acordo com o esperado, até certo ponto, mas mantendo a continuidade de sua existência, seus valores, suas convicções e formas de existir. Michael participava habilmente daquele ritual secular, mas criava microrresistências evocadas em falas e atitudes.

Para Borneman, o que se busca com os rituais de reabilitação é a transformação do *self*. Segundo o autor (2015, p. 215, tradução nossa), “a transformação do self [...] é o que se procura nos rituais de reabilitação”. Isso também é verdade para as reuniões do grupo de Michael. As reuniões procuravam produzir mudanças profundas em estruturas de comportamento e moralidade arraigadas há muito tempo em Michael e nos outros participantes. É por isso que Michael procurava resistir, porque sentia que a continuidade de sua existência dependia disso. Minha conclusão ao acompanhar Michael nas reuniões do grupo reflexivo é a mesma de Borneman, portanto: o que se busca não é um conhecimento reflexivo, mas uma modificação por meio do ajuste do comportamento a determinadas normas, as quais precisam ser compreendidas para fazer com que o indivíduo opere esses ajustes em si mesmo com o intuito de afastar-se de um modelo de “pessoa culpável” (BORNEMAN, 2015, p. 214, tradução nossa).

Como não descrevo aqui a reunião toda, mas apenas trechos para demonstrar meu argumento, selecionei momentos das diferentes situações que vivenciei e descrevi em meu caderno de campo. O que procurei destacar no momento 1 foram três volumentos de Michael. O primeiro deles é o que fica mais evidente em meu desenho: o estilo. A construção corporal de Michael era a de um homem forte e rígido. A camiseta demonstrava que o frio não o abalava. Toda a sua construção corporal demonstrava, como ele mesmo disse, que “gostava de fazer força”. O volumento do estilo associava-se a um segundo: a presença. De acordo com Piette (2019), os volumes humanos têm diferentes modos de se fazerem presentes nas diversas situações do cotidiano. Na situação que observamos, Michael apresentou-se de forma agressiva, mesmo que não intencionalmente. Como era a primeira vez que eu o via, impactou-me. Impactou-me sobretudo por saber que estava ali por imposição judicial e que, portanto, fora encaminhado por causa de violência doméstica. A presença de Michael era marcante. Ele destacava-se entre os outros participantes por seu porte físico. O terceiro volumento de Michael – que não estava

no desenho, mas na descrição – era o uso da tornozadeira eletrônica. Além de corroborar sua presença impactante, gostaria de destacar o comentário dele, ao conversar com Wilbur sobre a tornozadeira: “Já estava até esquecendo de quem eu sou. As pessoas me olham diferente”. Esse volumento, somado aos outros dois, evoca a ideia da continuidade existencial do volume humano.

Em primeiro lugar, a corporalidade exprime uma continuidade estilística: a construção corporal, a forma de vestir, os gestos, a fala, o sotaque, os trejeitos etc. Em segundo lugar, há a continuidade do modo de presença, a forma de se fazer presente em determinada situação. Nesse caso, a situação é regulada e imposta por uma norma judicial. Em terceiro lugar, há a norma judicial, que se torna corpo e assume a forma da tornozadeira eletrônica. Uma vez que essa norma causa um ruído na continuidade do volume humano de Michael, ele resiste a ela. Quando comenta que estava “esquecendo quem eu sou”, expressa que o ruído começa a se tornar uma quebra de continuidade. Conectando esse comentário de Michael com outra situação em que ele falou que a tornozadeira o fazia se “sentir um bandido”, percebemos que procurava apresentar-se como “uma pessoa direita” (palavras dele) que estava sofrendo coerções judiciais injustamente ou, pelo menos, de modo exagerado. Desse modo, segundo ele, a tornozadeira fazia-o deixar de sentir-se “uma pessoa direita” e fazia-o sentir-se um “bandido”. Conforme demonstra Izabela Venturosa de Oliveira (2016), considerar-se injustiçado é uma postura comum nos grupos reflexivos com homens autores de violência contra a mulher.

No momento 2 temos dois volumentos. O primeiro deles é o conjunto de concepções que Michael defende para evitar rupturas na continuidade do seu volume. Ao falar sobre o temperamento de seu pai, Michael diz considerar errado usar o cinto como forma de disciplina, mas considera correto usar ou ameaçar crianças com um chinelo. Percebemos que, em sua concepção, o errado não é a ameaça em si ou o ato violento, mas a gradação. Quando confrontado por Bob na situação do grupo reflexivo, Michael se esforçou para argumentar sobre seu ponto de vista. Ante as investidas de Bob, contudo, acionou outro volumento, que costumava acionar quando se sentia acuado: a introspecção. Michael retraía-se, fechava-se em si mesmo para não ter suas concepções expostas à crítica. Era um esforço para manter a continuidade, sem rupturas nem ruídos. Michael, assim como outros participantes do grupo reflexivo, via esses questionamentos como expressões das imposições judiciais que o obrigavam a estar ali. Disse, certa vez: “Eu entendo que a lei quer que eu pense diferente, mas não vou mudar minha forma de pensar. Não vou deixar de pensar coisas que eu aprendi e que eu acho corretas”. Para ele, as falas dos facilitadores do grupo eram expressões da “lei”, que, segundo sua percepção, queria fazê-lo pensar de forma diferente, abandonar antigas concepções e modificar sua forma de ser. Michael percebia sua continuidade de existência abalada, portanto.

No momento 3 destacam-se dois volumentos. Em primeiro lugar, temos no riso dado

e provocado com a piada do exame de próstata uma forma de reafirmar uma noção difusa de masculinidade. Nesse caso, o riso demonstra complacência, pois agrega adeptos de um ideal comum, contudo Michael apressa-se em afirmar que “não se acha o machão” no momento em que se dá conta de que a norma jurídica que o obrigou a estar ali se opunha a esse tipo de expressão, a mesma norma que ele percebia personificada em Bob e Kate. Ao relatar o “episódio” que o levou a ser condenado, Michael elevou a voz e começou a gesticular freneticamente enquanto narrava a situação. Agredia o ar com socos e empurrava personagens imaginários. Manifestou-se um segundo volumento: a violência. O relato de Michael foi tão gráfico que inspirou meu desenho. Ao narrar aqueles fatos, a introspecção costumeira deu lugar à ira violenta. Não era uma ira descontrolada, pois Michael não chegou nem perto de agredir ou intimidar algum dos presentes na sala, mas era saliente. Imaginar aquele homem de mãos grandes e braços fortes agredindo alguém descontroladamente era perturbador. Michael fora processado por lesão corporal ao ex-cunhado e por agressão à ex-companheira, além de ter uma medida protetiva contra ele por violência doméstica. Percebemos que o volumento da violência também era pujante na continuidade do volume humano de Michael. Sua última declaração deixa isso claro: a instrumentalização da violência para resolver questões quando “tiram [Michael] do sério”. O uso instrumentalizado da violência também apareceu em um momento que descrevi anteriormente, quando Michael afirmou que ameaçar ou bater com um chinelo em uma criança, de forma moderada, é aceitável para ele.

O volumento que gostaria de destacar no momento 4 também tem a ver com a corporalidade de Michael. Como evoquei no meu desenho, quando Michael se sentia intimidado ou confrontado por uma situação do grupo reflexivo, demonstrava atitudes corporais de fechamento do corpo. No momento 4, Michael cruzou as pernas e os braços, de modo a fechar-se dentro de seu próprio espaço, onde estava seguro. Cruzar as pernas e os braços era uma atitude comum no volume humano de Michael. E tinha a ver com preservar a continuidade da existência de seu volume humano sem rupturas em situações nas quais sentia a norma jurídica tentando se impor. Certa vez, comentou em uma das reuniões do grupo reflexivo:

“Eu tenho muito cuidado com o que eu falo aqui no grupo, com o que eu respondo quando me perguntam alguma coisa. Eu não sei se, de repente, uma resposta mal pensada não vai parar lá no juiz e eu vou acabar me dando mal.”

Embora Bob e Kate tivessem explicado que tudo o que se fala nas reuniões é confidencial, Michael e os outros participantes não ficaram satisfeitos. Permaneceram desconfiados. O medo de sofrer alguma sanção legal fazia com que Michael se retraísse em alguns momentos e se fechasse corporalmente. Ao mesmo tempo, no momento 4, percebemos uma tentativa por parte de Michael de demonstrar posições que poderiam ser consideradas positivas na situação, ao destacar noções de respeito para com a companheira e romantismo, bem como dizer que ele

saiu de casa para que a ex-companheira pudesse ficar lá com os filhos.

O momento 5 expressa esse mesmo medo de Michael de falar alguma coisa que poderia se voltar contra ele. Emerge o voluntismo da reflexividade. Michael refletia sobre cada questão antes de assinalar o questionário. Diante de questões que o deixavam inseguro, perguntava para mim e justificava em voz alta a alternativa que escolhera, como se precisasse me convencer da escolha. A cada alternativa eu percebia que Michael queria justificar o seu jeito de ser, mesmo que isso significasse se contrapor ao comportamento esperado. Por outro lado, fazia concessões, tal como quando afirmou que não se importava por seu filho brincar com “brinquedos de menina”.

O que vimos nos cinco momentos descritos são as tentativas de Michael de manter a continuidade de sua existência, o que se aproxima do que alguns autores chamam de “resistência”. Marco Julián Martínez-Moreno (2018) demonstra etnograficamente as resistências produzidas por homens participantes de um grupo reflexivo para autores de violência doméstica no Rio de Janeiro. Enquanto as reuniões eram direcionadas para que eles se reconhecessem como responsáveis pela própria violência, a qual estaria fundamentada em valores culturais machistas, os participantes resistiam a serem classificados como agressores através de narrativas de bom pai, trabalhador e bom marido. Mas também expressavam raiva e indignação por serem classificados dessa forma, uma vez que se consideravam pessoas de bem até o momento da denúncia. As resistências que Michael expressa nos momentos descritos são da mesma natureza do material etnográfico apresentado por Martínez-Moreno (2018). Como percebemos ao olhar para Michael, ele esforça-se para participar do grupo, mas resiste em ser classificado como “criminoso”, “bandido”, “machista” etc. Tal como percebe Martínez-Moreno (2018), Michael narrava sua própria trajetória como um bom pai e marido antes e mesmo depois da agressão, destacando que o ato de agredir o cunhado foi um fato isolado em sua vida.

Interessante notar que os ruídos na continuidade da existência de Michael, que o faziam produzir resistências e devires negativos, eram provocados por perguntas e afirmações dos facilitadores do grupo. Michael tratava as figuras de Kate e Bob com deferência e, às vezes, com certa desconfiança, uma vez que, segundo sua percepção, estavam ali como emissários do Poder Judiciário. Nas perspectivas de Kate e Bob, seu trabalho era derrubar as barreiras que faziam com que os participantes não reconhecessem sua responsabilidade na violência e as estruturas machistas que as fundamentavam. Essas conclusões estão afinadas com as observações de Paulo Victor Leite Lopes (2021). O autor percebe etnograficamente atitudes para prevenir uma “resistência” por parte dos facilitadores no grupo reflexivo para homens autores de violência que pesquisou, situado no Rio de Janeiro. O autor demonstra que os facilitadores, além de estarem imbuídos da autoridade do diploma (psicólogo, advogado etc.), também estavam atualizando a hierarquia estatal, ao conduzirem os participantes do grupo à reflexão sobre as próprias atitudes violentas. A percepção dessa relação originava resistências

por parte dos participantes, o que levava os facilitadores a se adiantarem sobre essa matéria. Segundo Débora, uma das interlocutoras de Lopes (2021, p. 5), ao se dirigir ao grupo: “aqui com certeza nós não queremos mudar o pensamento de vocês, nós não queremos fazer com que vocês sejam outras pessoas, nós simplesmente queremos que vocês possam compreender e refletir diante dessa situação toda que tá acontecendo”. Michael era bem consciente da relação hierárquica na qual o Estado e o Poder Judiciário refletiam-se nos facilitadores, de modo que, ao se fechar e resistir a algumas ideias, via-se resistindo ao próprio Poder Judiciário, o qual temia que pudesse usar o que ele falava contra ele próprio, além de tentar transformar sua forma de existência em uma forma que ele não queria.

A continuidade da existência e as resistências evidenciam-se também no questionamento à Lei nº 11.340/2006, a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006). O momento 5 é emblemático, na medida em que Michael menciona a Lei João de Olaria (sobre a qual não encontrei nenhuma referência na internet, a não ser um vídeo caseiro gravado por um caminhoneiro) como contraposição à Lei Maria da Penha. Izabela Venturosa de Oliveira (2016) analisa as resistências à Lei Maria da Penha por meio da escuta etnográfica de gravações de áudio dos encontros de um programa de responsabilização para homens autores de violência contra a mulher em São Paulo. Oliveira (2016) destaca que nas narrativas é comum que os agressores questionem a legitimidade da Lei Maria da Penha por meio da crítica à categoria “vítima”. Ao ouvir e analisar as narrativas construídas pelos agressores durante as reuniões dos grupos reflexivos, a autora conclui que essas narrativas invertem a polaridade agressor/vítima. Segundo Oliveira (2016), as falas dos agressores reorganizam elementos como masculinidade, feminilidade, violência, justiça etc. para construírem a si mesmos como vítimas e as companheiras ou ex-companheiras como agressoras. Além disso, colocam-se na posição de humilhados e injustiçados, não apenas pelas vítimas da agressão, mas por vários outros atores e instituições. Na fala de Michael é patente seu sentimento de injustiça, seja quando fala que não agrediu a própria filha ou a ex-companheira, seja quando se revolta com a ex-sogra e o ex-cunhado por terem feito acusações que Michael considerava falsas.

PENSAMENTOS FINAIS

Não tentarei concluir qualquer coisa sobre *o* volume humano de forma genérica e abstrata, porém posso traçar algumas considerações finais sobre *um* volume humano: Michael. Procurei demonstrar alguns elementos que constituem a continuidade desse volume em uma dimensão molecular, em momentos e situações em que Michael sente sua forma de existência

confrontada.

Albert Piette (2019) destaca a capacidade dos volumes humanos de se engajarem e desengajarem nas situações em que afirmam sua presença. Denizeau (2015, p. 229), ao interpretar a proposta teórico-metodológica de Piette (2015), afirma que cada volume humano experimenta as várias situações que vivencia em sua vida cotidiana de forma específica. Desse modo, torna-se evidente que os diversos volumes humanos envolvidos em uma mesma situação a experimentam de forma diferente, alguns mais engajados, outros nem tanto. Denizeau (2015, p. 229, tradução nossa) afirma que os volumes humanos podem participar de situações de forma “desapegada”, “distanciada” ou “com leveza”.

Podemos observar essas características nas formas de presença de Michael na situação da reunião do grupo reflexivo. Michael envolve-se na situação, ora de forma mais engajada, ora de forma menos engajada, e desse tipo de envolvimento depende a continuidade de sua existência. Conforme vimos, Michael engaja-se muito na tentativa de defender e justificar sua forma de ser e atitudes que não considera erradas, mas que o levaram à condenação, a receber uma medida protetiva e, conseqüentemente, ao grupo. Por outro lado, quando essas defesas e justificativas são problematizadas pelos facilitadores do grupo, Michael desengaja-se da situação em diferentes graus, fechando-se, parando de falar e esperando que o foco do debate recaia sobre outro participante.

Discutimos momentos minúsculos da existência de Michael em uma situação específica. É claro que Michael circula por infinitas outras situações em sua vida cotidiana e se engaja mais ou menos em cada uma delas. Certamente, em algumas, a continuidade de sua existência não é problematizada por meio da reflexão sobre suas atitudes e valores. Em outras, talvez. Desse modo, observar suas formas de presença no grupo reflexivo mostra-nos as tentativas de Michael de perseverar em suas formas de existência, uma vez que são diretamente confrontadas, já que o objetivo do grupo é pedagógico. Mas é importante lembrarmos que Michael não estava ali por vontade própria, mas por determinação judicial. Esse fator fazia com que modulasse cuidadosamente suas formas de presença: tomava cuidado com o que dizia com medo de comprometer-se, tornava-se resistente diante de algumas posições, justificava-se etc.

Para Denizeau (2015), a antropologia existencial de Piette (2015) e Jackson (2015) dedica-se à questão fundamental da existência humana, não apenas da existência humana do “outro”, daqueles fora de nós, mas do próprio antropólogo. Não discuti aqui as formas como me fiz presente nas situações do grupo reflexivo. Optei por olhar para Michael, desenhá-lo, escrever sobre ele. Ora, o que percebi sobre Michael, o que me afetou em seu volume humano, não diria mais sobre meu próprio volume humano do que sobre ele? É claro que não pretendo afirmar que Michael existiu apenas em minha mente, mas tampouco posso afirmar que sua existência é puramente objetiva e que basta acessá-la por meio de meus sentidos. Aqui, encontramos-nos

novamente com a proposta de Piette (2019, p. 84), que sugere que ultrapassemos a divisão binária entre objetividade e subjetividade para conseguirmos avançar na compreensão da existência humana.

REFERÊNCIAS

1. BIEHL, João. Do incerto ao inacabado: uma aproximação com a criação etnográfica. **MANA**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 1-33, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/MpfKzv5sQWcMMqVbt5LcQzc/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.
2. BIEHL, João; LOCKE, Peter. **The anthropology of becoming**. Durham and London: Duke University Press, 2017.
3. BESSIRE, Lucas. On negative becoming. *In*: BIEHL, João; LOCKE, Peter. **The anthropology of becoming**. Durham and London: Duke University Press, 2017. p. 197-216.
4. BORNEMAN, John. **Cruel attachments: the ritual rehab of child molesters in Germany**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2015.
5. BRASIL. **Lei nº. 11.340**, de 7 de agosto de 2006.
6. DENIZEAU, Laurent. Considering Human Existence: An Existential Reading of Michael Jackson and Albert Piette. *In*: JACKSON, Michael; PIETTE, Albert (dir.), **What is existential anthropology?** New York: Oxford, Berghahn, 2015. p. 214-236.
7. ERROBIDARTE, Danielle. MS tem 38 casos de violência doméstica contra mulheres por dia em 2021. **Midiamax**, 21 de março 2021. Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/policia/2021/ms-tem-38-casos-de-violencia-domestica-contra-mulheres-por-dia-em-2021> - Acesso em: 25 de agosto de 2021.
8. FÓRUM Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**, São Paulo, ano 15, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.
9. ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
10. JACKSON, Michael. Existential Aporias and the precariousness of being. *In*: JACKSON, Michael; PIETTE, Albert (dir.), **What is existential anthropology?** New York: Oxford, Berghahn, 2015. p. 155-177.
11. LOPES, Paulo Victor Leite. Formas de governo e complementaridade entre a administração estatal e seus administrados: reflexões a partir de um serviço para homens autores de

- violência doméstica. **Revista de Antropologia (Online)**, São Paulo, v. 64 n. 3, p. 1-24, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/5q5Nxnv6tSbWDsMzR49RcKr/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 17 jul. 2023.
12. MARTÍNEZ-MORENO, Marco Julián. **CIVILIZAR A CULTURA**: questões de modernização e a afirmação da dignidade entre homens acusados de violência doméstica e familiar contra a mulher. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32525>. Acesso em: 17 jul. 2023.
 13. OLIVEIRA, Isabela Venturoza. **“Homem é homem”**: narrativas sobre gênero e violência em um grupo reflexivo com homens denunciados por crimes da Lei Maria da Penha. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-23082016-133509/pt-br.php>. Acesso em: 17 jul. 2023.
 14. PIETTE, Albert. Existence, minimality and believing. *In*: JACKSON, Michael; PIETTE, Albert (dir.). **What is existential anthropology?** New York: Oxford, Berghahn, 2015. p. 178-213.
 15. PIETTE, Albert. **Theoretical anthropology or how to observe a human being**. London: ISTE Ltd.; Hoboken: John Willey & Sons, Inc., 2019.
 16. REZENDE, Graziela. Polícia de MS fala em ‘ano cruel’ com a mulher em balanço de feminicídios; veja os canais de atendimento. **G1 MS**, cidade, 6 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2021/01/06/policia-de-ms-fala-em-ano-cruel-com-a-mulher-em-balanco-de-femicidios-veja-os-canais-de-atendimento.ghtml>. Acesso em: 25 ago. 2021.
 17. RIFIOTIS, Theophilos. Entre alavanca e arena. Aporias da judicialização da “violência de gênero” no Brasil (Tópicos de Pesquisa). *In*: RIFIOTIS, Theophilos; CARDOZO, Fernanda (org.). **Judicialização da violência de gênero em debate**: perspectivas analíticas. Brasília: ABA Publicações, 2021. p. 91-155.
 18. RIFIOTIS, Theophilos. Violência, justiça e direitos humanos: reflexões sobre a judicialização das relações sociais no campo da “violência de gênero”. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 45, p. 261-295, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/8CxpJgP7bvY9b8HYMw4fXXC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.
 19. RIFIOTIS, Theophilos. Entre teoria, estética e moral: repensando os lugares da antropologia na agenda social da produção de justiça. **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: UFSC / Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 141, p. 1-24, 2014.
 20. SALLES, Sandra Regina Monteiro; COORDENADORIA Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar; Poder Judiciário do Estado de Mato Grosso

do Sul. **Relatório - 2019-2020**. Campo Grande: Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar / Tribunal de Justiça - Poder Judiciário de Mato Grosso do Sul, 2020. Disponível em: https://www5.tjms.jus.br/_estaticos_/sc/publicacoes/DialogandoIgualdades.pdf. Acesso em: 17 jul. 2023.

21. SANCHEZ, Izabela. MS é o 3º estado do País onde mulheres mais pedem socorro pelo 180. **Campo Grande News**, Campo Grande, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/brasil/cidades/ms-e-o-3o-estado-do-pais-onde-mulheres-mais-pedem-socorro-pelo-180>. Acesso em: 25 ago. 2021.
22. TAUSSIG, Michael. **I swear I saw this**: drawings in fieldwork notebooks, namely my own. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2011.

Asher Grochowalski Brum Pereira

Professor Adjunto do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da mesma universidade. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. ID ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4006-1604>. E-mail: asherbrum@gmail.com